



# A EVOLUÇÃO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não póde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

N.º 27

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA  
Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 5 DE JUNHO DE 1882

PUBLICAÇÕES  
Anuncios, 20 reis a linha.—Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

## O LIVRO D'UM MINISTRO

### III

Chegamos agora á parte do livro na qual o sr. Serpa trata do partido republicano.

Este partido é, segundo o auctor das *Questões de politica positiva*, composto de homens que valem pela intelligencia e pelo caracter, de especuladores, de resabiados da civilisação, de orgulhosos e vaidosos, de republicanos por jactancia e chibateria, de espiritos acanhados que imaginam salvar o paiz supprimindo a lista civil, e finalmente de republicanos por preconceito (pag. 168, 169, 170 e 177).

Vamos ver a opinião do estadista a respeito de cada um d'estes grupos.

Ha em primeiro logar os homens que valem pela intelligencia e pelo caracter. É uma concessão forçada que nos faz o sr. Serpa, mas, apesar d'isso, agradeçemo-la. Effectivamente, enquanto os chefes dos partidos monarchicos vão subindo, até chegarem ao pariato e ao governo, ao mesmo tempo que descem na consideração dos homens de bem, os republicanos vão-se conservando no isolamento e na abnegação, com a consciencia do dever cumprido,—o que de certo vale mais, para elles, do que qualquer pasta de ministro.

Temos a considerar depois os especuladores. Quem designará o sr. Serpa por esta palavra? Serão os que fazem alarde das suas idéas republicanas para se venderem aos partidos monarchicos?

mais subido preço? Não pensamos que queira fazer uma offensa tão grave aos seus correligionarios politicos, que, em grande parte, foram recrutados entre esses especuladores.

É sabido que, logo que o partido regenerador dá noticia d'um politico venal, d'uma consciencia baixa, procede á compra, e inscreve-o no seu grémio.

Podiamos fallar de muitas apostasias, mas o publico ha muito que conhece, para lhe votar o seu desprezo, o nome infamado dos apostatas.

Se estes individuos fazem algum mal ao paiz, não é de certo enquanto se conservam no partido republicano.

O auctor das *Questões de politica positiva* menciona em terceiro logar «os resabiados da civilisação, que são sempre contra a ordem de cousas estabelecida, os espiritos melancholicos e mal-humorados, que acham sempre mau tudo o que está.»

É preciso, realmente, ser d'um pessimismo extraordinario para achar mau o nosso estado politico. Isto corre tudo ás mil maravilhas; nós estamos fazendo, sem darmos por isso, a perpetua admiracão do mundo.

Quem é que póde estar descontente com a marcha dos negocios publicos? Só os espiritos melancholicos e mal-humorados, é claro.

Felizmente para Portugal ainda existem, em contraposição a estes, os espiritos sadios e alegres que se julgam no direito de fazerem os seus deveres.

dão trabalho. Felizmente ainda ha homens de bom humor que vão passar o inverno a Paris, com 12 libras por dia, sob o grave pretexto de negociar um tratado. Verdade seja que algumas pessoas melancholicas affirmam, com solidos fundamentos, ter certo estadista feito um contracto ruinoso para o paiz, em nome do qual contractara. Verdade seja que estes mesmos individuos dizem que os industriaes portuguezes foram cynicamente burlados, e vão fechar, por isso, as suas fabricas, do que resultará uma assustadora crise de trabalho. Mas deixemos chorar os tristes!

Para compensar a tristeza d'alguns, existe n'outros a boa disposiçao, a bella e salutar alegria que provém das... consciencias — iamos a dizer dos estomagos — satisfeitas.

Ha ainda os republicanos «orgulhosos, ou os vaidosos a quem no regimen vigente ou nos outros partidos militantes se não dá a importancia que julgam ter.»

Oh, pobres creaturas! Pois haverá alguém tão ridiculamente insignificante, pois haverá alguém tão tristemente nullo que lhe recusassem a entrada na actual camara de deputados? Para honra da especie humana, não o acreditamos.

Tal classe de republicanos é mais uma phantasia do grande ministro.

Trata em seguida o nosso publicista dos «espiritos acanhados que preferem a republica, porque imaginam salvar as finanças do paiz pela suppressão da lista civil.» Pouca gente haverá, na verdade, que sustente a opinião de que a lista civil é um mal necessário.

sr. Serpa; d'uma causa tão simples não se podem esperar tão importantes resultados.

A proposito d'isto, commette o sr. Serpa mais um erro, que precisa de ser destruido. Diz que «os governos democraticos são sempre, e não podem deixar de ser os mais caros.» Para prova cita o exemplo dos Estados-Unidos, onde as despezas do governo e da administração são muito superiores ás das monarchias da Europa.

Para a comparaçao poder aproveitar ao seu intuito, devia ter por base as despezas de nações que tivessem fórmulas de governo diversas, mas os mesmos recursos naturaes: ou então as despezas do mesmo paiz, considerado sob regimens politicos differentes. Comparar, porém, os Estados-Unidos, nação riquissima, que póde gastar muitas vezes mais do que qualquer nação da Europa, com as monarchias do velho mundo, parece-nos argumentar com evidente má fé e notavel falta de lealdade.

Discutindo d'esta fórma, podem-se tirar todas as conclusões; que sejam verdadeiras ou falsas pouco importa: o que é necessario é que sirvam para o fim desejado.

Se o sr. Serpa seguisse o verdadeiro caminho, a conclusao seria diametralmente opposta. Se comparasse Portugal com a Suissa, teria de reconhecer o contraste entre a prosperidade de Portugal e a pobreza de Suissa.

da França do segundo imperio com as da França republicana, encontraria uma differença que deitaria por terra a sua these. Em agosto do anno findo, um jornal francez, apreciando o estado financeiro da França, exprimia-se de modo que não podia deixar duvidas no espirito mais meticoloso.

O seu artigo foi traduzido para um jornal monarchico portuguez (1), d'onde transcrevemos o que segue:

«Nós temos o agradável costume, desde que a republica está consolidada, de ver, não obstante uma diminuição de impostos de 300 milhões, as receitas crescerem constantemente, e contar todos os mezes excedentes de receitas fluctuantes entre meio milhão e um milhão por dia.» «Durante a quinzena finda (a 1.ª de agosto) o ministro das finanças teria podido dizer a si mesmo todas as manhas ao levantar-se da cama: hoje terei um excedente de receita de um milhão.»

Occupar-nos-hemos agora dos republicanos por preconceito, isto é dos que julgam que é a forma republicana que dá ou infunde a virtude ao povo. É ainda a Republica norte-americana que serve de prova em contrario ao auctor da obra que estamos analysando. A apregoada immoralidade dos Estados-Unidos contraria, diz este escriptor, o referido preconceito.

É mais um argumento que nada prova, enquanto se não demonstrar que o paiz em questão estaria mais moralizado se fosse regido pela forma monarchica.

O que está demonstrado até á evidencia, — já o dissemos n'este mesmo jornal e repetimol-o agora, — é que, se o exercicio mais energico reage sobre o orgão que se exercita, desenvolvendo-o e fortificando-o, o exercicio de instituições mais dignas actua sobre o caracter dos indivíduos, nobilitando-o e fortalecendo-o.

Menciona-se finalmente no livro — *Questões de politica positiva* — os republicanos por jactancia e chibanteria, que são a parte comica do partido. «Era bello, no tempo do absolutismo, ser republicano e invectivar os tyrannos,

quando se arriscava a cabeça... Mas hoje, nos livres paizes constitucionaes, quando nada se perde, as declamações tribuniicias contra a realza tem para os espiritos desabusados e menos exigentes o sabor comico do charlatanismo.»

Temos a lembrar ao illustre estadista que ninguem, a não ser algum poeta lyrico, que ninguem, a não ser talvez o sr. Serpa, se ainda fizesse versos e não fosse ministro, pede hoje o sangue dos tyrannos.

O distincto publicista esgrime no vaeuo, pretendendo destruir quixotescaamente um partido republicano de sentimentalistas, que só existe no seu cerebro de poeta e de visionario.

A ideia republicana define-se hoje positivamente, scientificamente: assenta sobre factos demonstrados, não deriva de rhetoricas declamações. E isto por uma razão simples: já todos comprehenderam que o unico modo de fazer triumphar uma verdade consiste em demonstral-a e diffundil-a amplamente.

É assim que procede entre nós a opposição republicana. Não afia os punhaes regicidas, não trama conspirações, não levanta barricadas. Quem ler os jornaes de propaganda democratica, quem assistir ás discussões, ás conferencias e aos comicios promovidos pelo partido republicano facilmente se convencerá de que não se chama ali ninguem ás barricadas. Por mais que o sr. Serpa apure o ouvido, não distinguirá de certo o som do rebate.

Do que, no momento actual, trata o partido republicano é simplesmente de converter em opinião o desejo, a aspiração dos que, sentindo já que o regimen monarchico é prejudicial, não tem ainda ideias definidas ácerca d'uma constituição politica que o substitua com vantagem. É a estes que se dirige a propaganda republicana; são elles que, convenientemente esclarecidos adensam, de dia para dia, as fileiras do nosso partido.

Poderão censurar-se os republicanos por exercerem d'esta forma a sua actividade politica? Não o cremos; mas, se elles procedem mal, de quem é a culpa?

Sómente do partido monarchico, porque não soube cumprir a sua função

unica, exclusiva de preparar o povo para um regimen mais perfeito. É simplesmente com este caracter transitorio, interino que se póde justificar o constitucionalismo.

Desde que este systema politico se pretende transformar n'um regimen definitivo, mente á sua missão e trahe o seu mandato, porque elle representa em politica uma função educadora, e não é, nem póde ser uma sinecura.

Os republicanos não procedem pela forma que o preclaro escriptor indica, mas sim do modo que vimos de apontar. O sr. Serpa póde enamar politica sentimental á nossa politica scientifica e digna; pela noassa parte temos a generosidade de não qualificar a sua.

Chegados ao fim d'esta longa apreciação do livro *Questões de politica positiva*, formularemos em pouca palavras o juizo que d'elles fizemos.

O sr. Serpa cala os factos que não póde interpretar falsamente, e interpreta falsamente os que de modo algum póde calar; parte d'um principio falso e recua muitas vezes nas conclusões; chega a meio caminho da verdade e tem medo de o percorrer logicamente por inteiro.

O seu livro não póde resistir á pompa deslumbrante dos reclames, nem encontrar na pasta de ministro broquel bastante forte para o abrigar. É uma obra cheia de asserções velhas e falsas, mil vezes rebatidas, elaborada sem a mira no interesse puro é immaculado da sciencia, e escripta por um politico de officio com o fim expresso de defender a sua industria ameaçada.

O sr. visconde de Benalcanfor chama-lhe «a obra de um philosopho, de um publicista e de um homem de estado.» O paiz conhece o estadista: que avalie por elle o publicista e o philosopho.

#### Os Jesuitas

Noticiava ha dias um jornal que se ia comprar um palacio no Porto para o estabelecimento interino dos jesuitas.

Nós que amamos o desenvolvimento intellectual de...

de nos podermos levantar do abatimento em que jazemos, não podemos ficar indifferentes perante esta invasão dos sectarios da vella metaphysica, os degenerados descendentes de Ignacio de Loyola.

Onde apparecer um jesuita ali encontrareis um obstaculo ao derramamento das sãs doutrinas, encontrareis ali trevas onde vós não podereis fazer penetrar uma ideia, mas onde os collaboradores da seita trabalham, como operarios do mal, na devastação das consciencias, pondo os alicerces do seu edificio — a ignorancia.

Se não, vejamos o que elles fizeram em Portugal.

Em 1540 a nossa litteratura rivalisava com as dos paizes mais adiantados da Europa.

Paulo III conseguiu do rei a admissão dos jesuitas aqui com o pretexto de organizar as missões para India.

E D. João III, que tanto elevára a nossa Universidade, dando-lhe estatutos e mestres abalisados, inoculou-lhe, bem como em todo o reino o virus mortifero que a devia corromper.

Vieram S. Francisco de Xavier e Simão Rodrigues para aqui organizar as missões.

O primeiro partiu para a India, a pregar a verdadeira doutrina do Christo, não levava a força, levava simplesmente a cruz e um grande amor pela humanidade.

Não procurava o seu interesse, promovia a instrução do povo.

Era um bom apostolo — os d'hoje differem pouco d'elle!

Simão Rodrigues entendeu que as Indias precisavam menos d'elle do que a Sociedade e por isso tractou de dominar a consciencia do rei.

A empreza era facil para gente, que, como o azeite, onde encontra poros logo se infiltra, se alaga, manchando tudo.

E a consciencia do rei, pelo seu grande amor pela religião, tinha um poder absorbente enorme; pouco faltou para lá, introduzir a Sociedade inteira!

As leis que depois dictou eram apenas ás suggeridas pelos jesuitas.

Succediam-se os alvarás concedendo que os socios recebessem o grau gratuitamente e sem obrigação, de juramento, para que fossem considerados como recebendo-o alli os que sabiam das suas officinas.

O collegio das artes, que já dominavam, era o unico estabelecimento cujos examinandos podiam ser admittidos aos cursos superiores.

Os empregados não podiam receber o ordenado sem certidão, passada por jesuitas, de que haviam cumprido as suas obrigações.

Como se vê, dominavam tudo na Universidade: o estudante que começava a ser d'elles desde o collegio das Artes e o mestre

a que não pagavam sem informação d'esta sancta gente.

Mas isto ainda lhes parecia pouco. Remexeram-se um pouco mais na consciencia do rei, e pela bocca augusta foi pronunciado o alvará a conceder-lhes:

—Que nenhum estudante pudesse ser hospedado, tanto dentro como fora da cidade, a não ser no collegio das Artes—!

E os homens que aqui se tinham introduzido com o pretexto de organizar missões nas nossas colonias fizeram de Portugal uma colonia sua!

Tinham absorvido tudo — riquezas, instituições, a consciencia do povo... o que restava era o corpo de D. Sebastião.

Possuam este moralmente; com tudo a pessoa do rei podia ser um estorvo a seus fins, e por isso precipitaram-no nos areões de Alcacervir e com elle o resto da nobreza que havia escapado á fogueira e ao exilio.

O povo ainda teve uns vislumbres de indignação; mas as sanctas traças d'estes mais sanctos homens illudiram-no bem como ao Cardeal que de rei tinha o nome.

Arvoraram o sapateiro Simão Gomes em propheta e as calamidades por elle preditas atemorizavam D. Henrique, que cada vez mais lhes pertencia.

O jesuita Manuel Godinho, disfarçado em estudante, veio a Coimbra enganar a Academia enquanto elles mandavam para as mãos dos inquisidores alguns dos professores illustres que restavam na Universidade.

Onde estivesse um homem que não fosse seu, ali estava um esbirro do sancto officio á accusal-o de herege, e pouco depois um auto de fé.

Cortaram as nossas relações com as nações, cultas pondo interdito a todas as obras estrangeiras.

Era este o nosso estado quando, para remate da sua obra, nos entregaram a Philippe II de Hespanha.

O Demónio do Meio dia era um digno socio dos discipulos de Loyola.

A todos convinha o enfraquecimento de Portugal; por isso de commun accordo presentearam a Universidade com uns estatutos, obra digna de taes auctores.

Não era a sciencia que elles procuravam; era o embrutecimento do povo e os estatutos satisfazião plenamente ao seu fim.

O estudante, sempre acorrentado á opinião do mestre não tinha a menor noção dos principios de Direito natural, faltava-lhes a critica, e a logica reduzia-se a sophismas.

Em theologia não professavam as ideias d'aquelle de que se diziam discipulos, mas sim uma metaphysica empoeirada.

E Christo, essa manifestação brilhante da Ideia, o pensador profundo, o socialista avançado dos tempos antigos que destruiu a desigualdade das raças, promulgou a liberdade e a emancipação da mulher, e deu o codigo perfeito da moralidade que lhe distillava do coração, se ainda pudesse ver isto, elle que era manso e bom, elle, cujos labios nunca proferiram uma palavra de odio, marchal-os-ia na frente com um ferro em brasa para que todos ali lessem:

#### —HYPOCRITAS E TRAIADORES!—

Hypocritas, que, com o nome de Christo na bocca e a cubica no coração, infiltravam no espirito da juventude a ignorancia e o fanatismo que com as pessoas lhes devia entregar os bens.

Traidores, que entregaram o reino aos Philipes depois de queimarem a nobreza e o povo nas fogueiras da Inquisição.

Os falsos discipulos tudo pervertiam, defendendo até a prostituição, questionando apenas o preço do que a mulher tem de mais sagrado — a honra.

Era um incendio que mais e mais se alargava, tudo destruindo, aniquilando tudo, desde a intelligencia adolescente dos mancebos até á solução dos problemas complicados da Politica.

Tudo estava morto, nada nos restava do nosso antigo esplendor. A fidalguia velha, alquebrada, jazendo no leito em lençoes de pergaminhos, tendo por evangelho scientifico um padre á cabeceira.

A nuvem dos jesuitas apparecera no horizonte com apparencias de brancura, foi crescendo, tudo encobrendo, carregando-se de cores escuras ofuscara o sol da Intelli-

gencia, nada já brilhava, todo fora obscurecido por ella.

Mas a tempestade tornara-se imminente e em seu seio brilhou um relampago scintillante, o raio desfez o colosso que nós assombrava.

Este relampago era o genio do Marquez de Pombal, que afastou do horizonte as nuvens de batinas que o toldavam.

E d'essa tempestade resta apenas uma ou outra nuvem que, impellida pelo vento, vae projectando a sombra sobre os povos onde passa.

Ha pouco varrida da França, paira logo sobre nós. É necessario expulsal-a d'aqui.

—E demais agora que ainda resoam os clamores da glorificação do gigante que primeiro expulsou os jesuitas!

A. R. NOGUEIRA.

## CHRONICA

Muitos assumptos e pouco espaço. Não preambulemos.

Durante a semana que findou — bazar, circo e romaria.

Francamente desejava descrever o jardim, exuberante de flores e d'alegria, com os seus grupos mimosos de damas que benemeritamente sabiam atrahir para si as atenções e o dinheiro para a Philantropica, que prendiam n'um sorriso gracioso quem tinha a honra de as cumprimentar e o grato dever de d'sdobrar um bilhetinho...; quizera fallar da romaria, talvez devota e certamente realisadora de mil promessas, ansiosamente esperadas e gentilmente cumpridas, do ruído do arraial que se agitava picado aqui e além de trajos multicores, que lhe imprimiam o tom alegre das festas populares; fallaria, se pudesse, do circo e dos seus espectaculos, em que figuram velhos imperadores, com barbas estopentas e velhas corças, já causadas de indicar *boa pinga* á porta das tabernas...

Mas outros assumptos me reclamam, que, se têm menos cor local, interessam talvez maior numero de leitores.

Por mais descrente que pretendesse apresentar-me do bom gosto publico é da elevação com que se critica, não poderia duvidar da recepção que vae ter o livro de contos, a publicar-se brevemente, firmado com o nome de Fialho d'Almeida.

Parce estar muitas vezes transviado o senso critico das massas, quando applaudem o mediocre; mas quem assim pensa é desiludido ao apparecer uma obra de verdadeiro merito; então a corrente da opinião publica, desprezando o que até ahí encontrara não direi melhor, mas menos máu, dirige logo e logo as suas atenções e os seus applausos para a obra que, de justiça, reclama o seu *verdictum*, e é sempre imparcial, quando a classifica.

Ora, entre nós, nenhum escriptor trabalha como Fialho d'Almeida, para se robustecer no melhor meio litterario, para avivar as tintas da sua palheta, para dominar completamente a palavra, que, flexivel e nervosa, acompanha o pensamento d'um modo ligeiro, facil, que encanta e que nos prende.

Antecipando-nos em o felicitar pelo successo que a publicação d'este livro vae acrescentar á serie dos seus triumphos, agradecemos a Fialho d'Almeida a sua primorosa collaboração.

A vida é uma serie de contrastes. Como as flores que vegetam muitas vezes no campo santo da morte, uma desventura, que supplanta, vem occasionar a gloria, que illumina.

A morte infausta do brilhante chronista do Occidente e do Antonio Maria, que uma infeliz preocupação arrastou ao suicidio, deve Mariano Pina o convite de viajar até Paris, de ir viver no foco mais intenso da civilização contemporanea.

Mariano Pina vae substituir Guilherme d'Azevedo que, em Paris, fazia correspondencias para a *Gazeta de Noticias*. Com a boa vontade que possui, com a excellencia do novo meio, é de esperar que, a par de uma observação intelligente e de espirituoso humorismo, dê á sua palavra, já brilhante mas ainda confusa por vezes, e queicá menos

correcta, a naturalidade e a forma, que faziam do fallecido escriptor uma individualidade poderosa.

Com a mesma franqueza que agora nos inspira, levantaremos mais tarde o nosso grito de entusiasmo sincero, quando Paris tiver actuado com a maravilhosa influencia de seus estímulos no rapido progresso do distincto litterato que nos honramos de saudar.

Outro ponto e terminamos.

Na *Correspondencia de Coimbra*, n.º 43, appareceu uma critica ao ultimo livro de Gonsalves Crespo, ao rendilhado primor que se intitula *Nocturnos*.

Respeitamos tanto a opinião do critico que o pode ser-nos indifferente e vamos indicar algumas duvidas, que, por extraordinaria, se nos apresentam.

Começa por uma asserção que, por mais contestada que tenha podido ser, consideramos sempre verdadeira: principia declarando que *são verdadeiramente versos de Gonsalves Crespo*. Perfeitamente de accordo. Demais, nem o nosso Gautier se atrevia a plagiar, especialmente n'esta miséria de paiz, onde nada se faz que logo se não saiba.

Proseguindo, diz o precioso escriptor que na poesia de Gonsalves Crespo o *tragico perfuma-se, e chega-nos ao coração em versos de bronze*. Não valia a pena *perfumar-se o tragico* para se metter em bronze; assim, muito pouco nos deliciará o seu perfume. E, apesar do exemplo, com que a *Correspondencia* pretende esclarecer, dizendo que foi assim feita a tragedia de Ignez pelo genio de Camões, olhamos esta opinião, como poderíamos pasmar, olhando uma pagina de hebraico — sem a comprehender.

Diz mais o apreciavel critico que não enche 10 columnas de comparações artisticas, para se distinguir dos 500 chronistas da sua terra. Parece-nos que s. ex.º foi excessivamente cauteloso na sua abstenção. Estamos plenamente convicto de que o illustre escriptor continuava completamente singular e distincto, dando livre expansão aos seus estudos de arte comparada.

Se valem as nossas supplicas, pedimos comparações. Na epoca revolucionaria da França, viu com surpresa Victor Hugo affixada n'uma esquina uma proclamação ao povo francez, firmada com o nome do grande poeta. Quando chegou a casa, encontrou como explicação o seguinte: «O nome de Victor Hugo pertence a toda a França.» Assim os homens privilegiados — uma vez no caminho das descobertas, deixam de pertencer a si proprios, são da humanidade inteira.

BABINET.

## NOTICIARIO

Sahi no Diario de 28 do corrente o decreto da jubilação do ex.º sr. dr. Costa Simões, decano e lente de prima da faculdade de Medicina.

Reunidos no dia seguinte em uma sala da Sociedade dos Estados Medicos quasi todos os estudantes d'aquella faculdade, e tendo unanimemente resolvido que se fizesse uma manifestação de profundo sentimento pela retirada do venerando sabio da vida activa do professorado, deliberaram por proposta do alumno do 4.º anno, Eduardo d'Abreu, o seguinte: 1.º que, no dia immediato, se reunissem todos no jardim da Universidade e d'ahi se dirigissem a casa de s. ex.º, dando-lhe os parabens pela sua jubilação, que lhe permite auferir no fim de 30 annos de altos serviços o descanso, a que, como poucos, tanto direito tem; 2.º que se solicitasse do sr. Reitor da Universidade faça constar na primeira reunião do Claustro pleno o sentimento dos estudantes de Medicina pela perda que o corpo docente soffre com a retirada d'um dos seus membros tão illustre; 3.º que um dos estudantes ficasse encarregado de escrever a biographia, com o elogio historico da vida activa de s. ex.º, que se fará publicar.

Para este fim foi accéite o offerecimento de Eduardo d'Abreu, que declarou ter já adiantados alguns trabalhos n'este sentido.

Realizando-se a primeira parte d'esta proposta, para o que compareceram com raras

excepções os alumnos de todos os cursos, foram elles recebidos por s. ex.º com a affabilidade que o caracteriza, respondendo commovido a uma breve mas eloquente allocução feita por Eduardo d'Abreu, que em poucas palavras soube synthetisar o que na vida do illustre sabio tem contribuido para o tornar justamente conhecido como um bemfeitor da humanidade, uma das primeiras notabilidades scientificas do paiz e o lente mais respeitado e ao mesmo tempo mais querido de todos os que tiveram a fortuna de ser seus discipulos.

Relativamente á segunda parte, obteve em resposta a commissão que se dirigiu ao sr. Reitor que não só faria constar em Claustro pleno a louvavel intenção dos estudantes de Medicina, mas que não esqueceria fazer d'ella publica menção na solemne abertura das aulas no proximo futuro anno lectivo.

Eis como os estudantes sabem prestar o devido preito ás qualidades dos que, austeros e bons, honram como o sr. dr. Costa Simões a respeitavel corporação a que pertencem, tornando-se ao mesmo tempo credores da veneração e estima dos seus discipulos.

Terá havido manifestação mais ruidosa do que esta, mas não mais significativa dos sentimentos de collectividade que a produziram.

Esteve n'esta cidade o distincto quartanista da Escola Medica de Lisboa, o sr. Santos Crespo, que presidiu ao meeting pro ovido pelos estudantes de Lisboa.

Veio visitar seu irmão, que se acha incommodado de saude.

Consta ao nosso collega *O Seculo* que um estudante da Escola Polytechnica, achando offensivas umas palavras que o *Jornal do Commercio* dirigira aos estudantes d'aquella escola, fôra á redacção do mesmo jornal e perguntara que n' tomava a responsabilidade das referidas palavras.

Respondeu-lhe um dos redactores que a tomava a redacção em peso. O estudante, depois de dizer algumas palavras asperas, trocou o seu bilhete com o redactor em questáo. Não sabemos ainda o resultado da pendencia.

Já foi apresentado no parlamento o contracto celebrado entre a camara municipal e o ex.º sr. dr. Costa Simões para o abastecimento da cidade com as aguas do Mondego.

Em virtude da letra do contracto, as obras devem principiar immediatamente á approvação pelo parlamento e estarão concluidas no prazo maximo de 2 annos.

Os filtradores, assim como os principaes machinismos, serão estabelecidos no porto dos Bentos, afim de elevar as aguas á Cumiada e ao Castello, para que dos reservatorios, collocados n'estes 2 pontos, possam beneficiar os 2 bairros — alto e baixo — da cidade.

A camara mandará collocar boccas de incendio pelas ruas.

São dois melhoramentos de utilidade incontestavel.

No dia 10 de junho haverá no *Theatro Conimbricense* um espectáculo dado por alguns distinctos artistas da SOCIEDADE DRAMATICA PHILANTROPICA-CONIMBRICENSE em beneficio da *Escola Livre das Artes do Desenho*.

Subirá á scena o applaudido drama em 4 actos — *Garpar o Serratheiro* e a comedia em um acto, ornada de côros — *Raros são, mas ainda os ha*.

Falleceu, ainda ha pouco tempo, na idade de 91 annos, o ultimo descendente d'esses antigos rapsodos que recitavam, nas diversas localidades, as velhas tradições piedosamente guardadas, e os canticos que elles compunham.

A civilização, com que luctaram, trouxe o seu desaparecimento, ficando sem substituição essas especies de armaduras, outr'ora tão celebres na região que elles frequentavam.

Chamava-se Oleg Gaboretz e tinha uma memoria prodigiosa; a sua voz era suave, musical, exprimindo-se com facilidade notavel, n'um tom que representava o meio termo entre o canto e a palavra.

Desde que noticiámos terem principiado os actos na faculdade de direito, tem mais sido examinados os seguintes academicos:

1.º ANNO

- Antonio Cabral Paes do Amaral.
- Antonio Assumpção e Sousa,
- Antonio Julio de Lacerda.
- Antonio Maria Bartholomeu Ferreira.
- Antonio Navarro Morão.
- Antonio Silva Peixoto.
- Basilio Pinto da Veiga.
- Carlos Drummond.
- João Augusto Taveira Catalão.
- Joaquim Antonio Fernandes.
- Joaquim de Brito e Rocha Aguiam.
- Joaquim Pedro Quintella Saldanha.
- José Bressane Leite Perry.
- Arnaldo Norton de Mattos.
- Egydio Herculano Malheiro.
- José Joaquim de Brito.
- Oliveira Machado.
- Conde Seabra.
- João Moraes Cabral.
- Alexandre Vilhena.

2.º ANNO

- Antonio Figueiredo Guimarães.
- Antonio Toscano Barbosa.
- Arthur d'Almeida Ribeiro.
- Augusto Dias Ferreira.
- Christovão Azevedo de Vasconcellos.
- Domingos da Costa Amorim.
- Eduardo de Castro e Almeida.
- Solano de Abreu.
- Francisco Ferreira da Silva.
- Francisco Fragateiro de Pinho Branco.
- Jacinto Rainha Junior.
- João Curado Borges da Gama.
- João do Nascimento Reis Curado.
- João Cupertino d'Andrade.
- José Ignacio Pimentel.
- José Gerardo Villas Boas.

3.º ANNO

- Alfredo de Castro.
- José Luiz Fernandes de Castro.
- Alexandre Silva.
- Motta Veiga.
- Anthero Garcia.
- Conceição Gomes.
- Neves Cardoso.
- Antonio Horta e Costa.
- Tavares Festas.
- Arthur Aguedo.

4.º ANNO

- Alfredo Vieira.
- Antonio Carneiro Giraldes.
- Antonio Jardim d'Oliveira.
- Antonio Feijó.
- Antonio Marques Figueiredo.
- Antonio Marinho Falcão de Castro.
- Mendes Gouvêa.
- Gouvêa Godinho.
- Antonio dos Santos.
- Santos Sobreira.

5.º ANNO

- Alexandre Macedo.
- Mendonça David.
- Freire Themudo.
- Antonio Barbosa Mendonça.
- Antonio José Marçal.
- Antonio Homem Sampaio e Mello.
- Antonio Velloso d'Araujo.
- Bernardino Campos de Mello.
- Domingos Barata.
- Eduardo Campos Paiva.

Recebemos e agradecemos os n.ºs 9 e 10 da *Galeria Republicana*. Aquelle publica o retrato do sr. Sousa Brandão, acompanhado de biographia escripta pelo sr. Bernardino Pinheiro, este o de Julio Grevy, com biographia do sr. Feio Terenas.

Recomendamos aos nossos leitores este interessante jornal, o mais barato que, no seu genero, se publica em Portugal.

O filho d'um antigo bibliothecario de Weimar, M. Preller, encontrou nos papeis de seu pae uma importante collecção d'auto-graphos de Goethe, Schiller e Herder.

Contam-se entre elles os manuscritos de muitas obras de Schiller, nos quaes se observam numerosas variantes aos textos conhecidos.

A maior estatua do mundo é um idolo de bronze que ha em Naza, no Japão.

Uma das suas narinas possui a capacidade sufficiente para abrigar um homem.

A «Civilisação Catholica»

Soubemos casualmente que a *Civilisação Catholica*, publicação mensal, redigida pelo sr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente de theologia na Universidade, nos tinha feito, no seu ultimo numero, a distincta fineza de se occupar d'um artigo que escrevemos ha perto de 3 mezes. A honra que recebemos veio um pouco tarde, mas os catholicos não costumam andar muito depressa.

Na *Evolução* de 6 de março do corrente anno apreciámos o partido clerical, apresentando asserções que são erroneas, na opinião do sr. José Maria Rodrigues, auctor do artigo da *Civilisação Catholica*.

Dissemos que o clericalismo estava na realidade morto, embora tivesse apparencias de vida.

O sr. José Maria Rodrigues sustenta a opinião contraria. Para defendermos a nossa, basta recordarmos um facto recente: o centenario do Marquez de Pombal. O partido clerical, pretendendo oppor-se a esta manifestação patriótica, empregou todos os esforços n'este sentido e até de França lhe veio o auxilio de Freppel, n'uma carta memoravel onde se chama *illustre* a Companhia de Jesus.

Que resultados tirou d'esta opposição em que poz todo o seu empenho? Ver a mais entusiastica e brilhante glorificação que ainda se fez em Portugal.

De resto, o proprio Concilio convocado por Pio IX consignou na *Constituição Dogmatica da Fé Catholica* as seguintes palavras:

«A auctoridade divina da Igreja foi regeitada... As Sagradas Escripturas começaram a ser consideradas fabulas e mythos. O Christianismo foi abandonado e substituído pelo reino denominado da razão ou da natureza!»

N'esta parte somos nós mais orthodoxos do que a *Civilisação Catholica*.

Continúa o sr. J. M. Rodrigues: «Os proprios ataques de toda a especie com que o christianismo é actualmente impugnado não serão uma prova mais que sufficiente da sua vitalidade? Quem estivesse morto ou a morrer poderia resistir como o christianismo resiste?»

Mas sendo assim, ha de confessar o preclaro escriptor que, se o clericalismo, sujeito a ataques de toda a especie, não está ainda morto, está então em imminente perigo de vida. Do que a *Civilisação Catholica* deve tratar é de ajudal-o a bem morrer. Pela nossa parte respeitaremos o agonisar do moribundo.

Afirmámos que a sciencia matara o clericalismo. A *Civilisação Catholica* diz que não ha nada mais falso. E acrescenta: «E' verdade que um certo numero de sabios e uma grande multidão de meios-sabios tem procurado, levados por motivos extra-cientificos, mostrar que ha opposição entre as verdades da sciencia e os dogmas da religião christã. Mas para conseguirem o que desejam tem por costume estes individuos desfigurar as verdades religiosas que querem combater, arvorar meras hypotheses em verdades scientificas e cahir mesmo frequentes vezes em grosseiros erros scientificos. Posso citar á *Evolução* muitos exemplos do que acabo de dizer.»

Nós já sabemos o processo que o sr. J. M. Rodrigues vae seguir n'estas citações: sempre que as verdades scientificas forem oppostas ás suas ideias chama-lhes meras hypotheses; os grosseiros erros scientificos são quaesquer conclusões que não se coadunem com o seu modo de pensar. O processo é velho, mas é simples.

A opposição entre as verdades da sciencia e os dogmas da religião foi reconhecida não só pelos sabios, mas tambem pela igreja.

A sciencia e a igreja estiveram sempre de accordo, mas foi em que existia uma perfeita contradicção entre os dogmas e as verdades scientificas.

N'este ponto havia uniformidade de opiniões. A differença estava no modo de as divulgar. Os sabios expunham pacificamen-

te as verdades que descobriam, a igreja *impunha* os dogmas que lhe convinham; os sabios ensinavam apenas, a igreja, para convencer-os dos seus erros, tinha a fogueira e a tortura,—dois poderosos meios de argumentação.

A sciencia não deitou por terra as doutrinas da igreja, porque essas doutrinas não estão em contradicção com verdades nenhuma, escreve o sr. Rodrigues.

Não precisamos de narrar aqui os conflictos da sciencia com a religião; essa longa e edificante historia foi traçada magistralmente por J. W. Draper, professor da Universidade de New-York, n'um livro que devia andar nas mãos de todos.

A harmonia que o sr. Rodrigues diz existir entre os sabios e a igreja nunca foi reconhecida por esta. Pelo menos, não nos parece excessivamente affavel o modo como ella tratava os homens que dotavam a sciencia com uma verdade nova. Sirvam de exemplo Copernico, Vanini, Giordano Bruno, e tantos outros.

Para fundamentar o seu modo de ver, diz o illustre escriptor que os homens que nos seculos XVI e XVII mais contribuíram para os progressos da sciencia eram christãos.

Seriam; a igreja, porém, tratou-os do seguinte modo:

Copernico, tendo publicado em 1543 o livro—*Revoluções dos corpos celestes*,—foi condemnado como heretico por causa do seu systema dos mundos, que se fundava, dizia o decreto da condemnação, em *falsas doutrinas, inteiramente contrarias ás sagradas Escripturas*.

Képler, que publicou em 1609 *Os movimentos do planeta Marte*, e em 1618 o *Epitome do systema de Copernico*, livros onde expoz as leis que o tornaram immortal, viu os seus escriptos condemnados pela congregação do Index, por serem contradictorios com as Escripturas.

Giordano Bruno, que escreveu varias obras defendendo o systema de Copernico a pluralidade dos mundos, depois de perseguido por toda a Europa, foi afinal mettido na prisão onde permaneceu durante sete annos. Não querendo renegar as suas doutrinas contrarias ás Escripturas e repugnantes á religião foi piedosamente queimado em Roma no anno de 1600.

Em 1629, Vanini foi queimado pela Inquisição por ter escripto os *Dialogos sobre a natureza*.

Não sabemos se, como affirma o sr. J. M. Rodrigues, a paixão anti-religiosa é mais energica do que a paixão pela sciencia; em vista d'isto o que podemos afirmar é que a paixão religiosa é mais energica do que qualquer d'aquellas.

Continuaremos.

DITOS E PHRASES

A lua não tem habitantes.  
É Calino quem o demonstra.

—Se a lua fosse habitada, o que se tornariam esses individuos, quando ella está reduzida a um pequeno crescente?

A illusão é para a hallucinação o que a maledicencia é para a calumnia.

Laséque.

Para casos d'originalidade, é do estylo citar-se a America.

E com rasão. Num jornal americano, lia-se, não ha muito, o seguinte curioso annuncio.

«*Offerecem-se 20:000 dollars a quem tornar cego d'um olho a M... rico proprietario da Virginia.*»

Aguçados pela tentação da offerta, cae uma chuva de medicos em casa do opulento plantador.

Mas nenhum ganhou aquella bonita conta: —o homem era cego dos 2 olhos.

As leis d'excepção são emprestimos usurarios, que arruinam o poder, parecendo enriquecel-o.

Royer-Collard.

Sabe-se que Pope era corcovado Encon-

trando-o uma vez, disse o rei a alguem da comitiva:

—Desejava saber para que serve um homem, que anda todo de esguelha.

Pope, que o ouviu, grita immediatamente:

—Para vos fazer andar direito.

O homem já não é tão amavel que deva transformar a mulher á sua imagem.

Julien Penel.

Dirige-se um empresario de theatro lyrico a casa de Rossini, para elle ir assistir á *première* d'uma opera que se esperava produzisse extraordinaria sensação.

Cartazes enormes, *réclames* nos principaes periodicos, auctor já festejado etc., tudo fazia crer que mais um nome se inscreveria na lista das obras que o publico se felicita em consagrar.

Mas Rossini recusa, dizendo que, com o seu nome, um tanto conhecido, attribuiriam o facto de elle dar uma opinião sobre musica a quaesquer sentimentos menos elevados: inveja, rivalidade etc.

O empresario insiste dizendo que lhe proporcionaria um camarote, d'onde podesse observar sem que ninguém o visse. N'estas condições annuo.

Mas Rossini parecia louco, durante o espectáculo. A cada trecho que o publico applaudia, elle tirava cortezmente o seu chapéu. Ao findar o espectáculo, perguntou-lhe o empresario:

—Que demonio o obrigou a tirar o chapéu tanto a miudo?!

Responde Rossini:

—Costumo cortejar, sempre que vejo alguem das minhas intimas relações.

Diziam-na original—á famosa opera...

Correspondencia

ADMINISTRATIVA

**Guarda**—Recebemos do sr. dr. José de Castro 600 réis para pagamento da 1.ª e 2.ª serie d'esta folha. Pedimos-lhe desculpa do que injustamente poderia referir-se-lhe no que n'esta secção dissemos relativamente aos assignantes da Guarda.

**Portimão**—Recebemos do sr. dr. Ernesto Cabrita 300 réis para pagamento da 2.ª serie.

EXPEDIENTE

Os exemplares que restam do numero da *Evolução* publicado por occasião do centenario do Marquez de Pombal acham-se á venda em Lisboa na Tabacaria Victor Hugo, junto aos Recreios Whitoyne, e em Coimbra no Marco da Feira, 4.

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que toda a correspondencia da *Evolução* deve ser dirigida para o Marco de Feira—4—Coimbra.

Encarregam-se obsequiosamente de receber a importancia das assignaturas da *Evolução* os seguintes cavalheiros: **Santarem**—José Ferreira Maia, rua Direita, n.º 89.

**Ribeira de Santarem**—Joaquim Malfeito.

**Cartaxo**—Francisco Pereira.

**Alcanena**—Antonio Garcia.

Rogamos aos srs. assignantes que satisfacçam com a maxima urgencia a importancia do seu debito.

Typ.—DE SANTOS E SILVA

## A EVOLUÇÃO

SEMÁNARIO REPUBLICANO

A nossa theoria historica representa necessariamente a realza moderna como o unico resto capital do antigo regimen das castas.

A. COMTE, Cours de Philosophie positive, t. 6. pag. 298.

Caminhamos para um ideal politico em que a acção do governo será reduzida ao minimo e a liberdade elevada ao maximo grau compativel com a liberdade dos outros.

H. SPENCER, Classification des sciences, pag. 119.

Com os progressos da cultura geral o governo republicano deve e não pôde deixar de estabelecer-se em todas as partes do mundo.

E. DE HARTMANN, Philosophie de l'Inconscient t. 1. pag. 430.

N.º 29

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Cada serie de 15 numeros ..... 300 reis.

COIMBRA, 22 DE JULHO DE 1882

PUBLICAÇÕES

Anuncios, 20 reis a linha.— Toda a correspondencia deve ser dirigida para o Marco da Feira, 4.

ANNO 1.º

## AVISO

Reconhecendo a impossibilidade de publicar regularmente esta folha durante as ferias, resolvemos suspender a sua publicação até outubro, mez em que reaparecerá consideravelmente melhorada.

Realizou-se o que tinhamos previsto; foi approvada a *tratada* de Salamanca, como bem lhe chamou um jornal regenerador que hoje tem o descaro de agredir os collegas que a atacam e com elles o paiz indignado ao ver, que os seus clamores são vãos, e que lá onde elles se deviam escutar, se mofa e zomba d'elles. Não o admiramos, antes o esperavamos, porque já de ha muito conhecemos a gente que tem dirigido os negocios do paiz.

A venalidade predomina em todos os ramos de administração, e não são os mais altos homens do Estado que córam quando se lhes mostra bem patentemente a elles le ao paiz, que entre nós o dinheiro avassala as consciencias e faz que a dignidade seja uma palavra sem significação.

## FOLHETIM

## ROSALINO CANDIDO

O genio, como a loucura, é uma doença, uma preversão do systema nervoso, uma excitação extraordinaria das funções do cerebro. Qualquer disposição particular na organização da massa cerebral, desenvolvida depois pela educação, pelas circunstancias do meio geographico, pôde dar Napoleão ou Miguel Maximo, Demosthenes ou Assumpção, Cicero ou Arrobas, Victor Hugo ou Vidal. O catholicismo teve um vago presentimento d'esta grande verdade physiologica quando inventou a theoria da graça e da predestinação.

O homem põe, mas o cerebro dispõe.

A auctoridade catholica romana e os zeladores da ordem social gritam contra estes resultados da physiologia experimental, mas gritam em balde como gritaram contra Galileu, contra Kepler, contra Bacon e como gritam ainda contra Lyell, contra Claudio Bernard, contra Littré e contra todas as verdades da sciencia moderna. O catholicismo grita todas as vezes que a sciencia folga; é uma especie de cão medroso e vagabundo que, em vendo um braço no ar a afirmar alguma verdade, pensa logo que é para se lhe atirar uma pedra...

Mas nós não estamos aqui para tratar dos nervos de S. Thomaz, mas dos de Rosalino.

Rosalino seria um genio, se não fosse um louco sublime. O que elle não poderia ser nunca era um homem comum, um sujeito

Não sabemos como classificar o procedimento dos homens que para nosso mal hoje ahí governam, e nem podemos calcular até onde a nossa indignação nos levaria.

Diremos somente que o que a camara dos pares acaba de approvar, é uma ladroira. Não encontramos na nossa lingua termo mais suave que possa melhor traduzir o que sentimos.

É na realidade admiravel tudo o que se faz a este pobre povo!

Para receber D. Alfonso gastam-se 900 contos de reis. Pouco antes tinham dicto pela bocca do rei que era preciso aniquilar o deficit que nos assoberba e esmaga, e, fundamentando-se n'isto, o governo pede ao povo paciencia para sofrer novos impostos; mas (oh coherencia!) Para o caminho de ferro que ha de ligar o Porto com Salamanca esbanjam-se 2.700 contos de reis! É que o povo pôde, e deve pagar mais. Nem isso é de estranhar quando se se vê presidindo ao governo do paiz o homem que proferio essas expressões.

Se o povo tivesse comprehendido bem os seus deveres, já ha muito que tinha exigido severas contas aos homens que todos os dias o ludibriam, aos homens sem vergonha que ao mesmo tempo que se sentam nas cadeiras de ministro tem

informe e incaracteristico, como um conselheiro de estado. Falta-lhe o senso da vulgaridade, a aptidão burgueza, a depressão do caracter, que constitue o talento especial de quem não tem talento nenhum.

Rosalino, se não fosse Rosalino, era talvez Michelet. De um ao outro ha a microscopica differença d'uma lesão imperceptivel talvez no grande sympathetic, d'uma congestão nos lobulos opticos ou de alguns centigrammas de menos de massa parda.

Michelet tinha a profunda veneração indiana das grandes cousas da natureza, o alto lyrismo pantheista d'um poeta dos Vedas; Rosalino tem o fanatismo dos cabritos. Rosalino ama, estremece os cabritos como se elles lhe tivessem sahido das proprias entranhas! Chora se ouve gritar um cabrito, e apossam-se d'elle desesperos propheticos e coleras biblicas perante o espectáculo d'um cabrito atado pelas pernas e preso de cabeça para baixo ao albardão feroz d'um contractador cabriticida.

Michelet tinha arrobamentos ineffaveis e grandes expansões mysticas perante o aspecto das montanhas, das aguas e dos campos; Rosalino pisa a terra com cuidado para a não magoar; anda por sobre as pedras da calçada como por sobre um tapete da Persia ou por sobre um canteiro de flores, com a veneração religiosa d'um budhista, com medo de esmagar alguma formiga.

Rosalino tem a loucura da Justiça. Declara que o mundo se não endireita, mas que não esmorecerá na faina ingloriosa de endireitar o mundo! Todos os escandalos o irritam, todas as infamias o encolerizam. E depois fulmina-os, estonteia-os, e martyrisa-os com todos os seus adjectivos revolucionarios, com todos os seus adverbios garibaldinos, com

o desavergonhamento de ir no parlamento advogar os interesses das companhias que os estendiam!

Isto tem-se dito muita vez; mas repetil-o é a nossa obrigação para que o povo o ouça, o comprehenda e exija contas de tão inflame e vergonhoso procedimento.

A veniaga chega a toda a parte!

Os jornalistas que hontem atacavam o sindicato, defendem-no hoje!

Os pares que por toda a parte proclamavam os males, que d'elle haviam de resultar, são agora no parlamento os estrenuos defensores do maior escandalo que se tem praticado no nosso paiz.

Os ministros que ainda não ha muito dictavam a carta, que um dos membros do sindicato devia escrever para se exonerar de membro de tão digna corporação, favorecem-no agora, e as suas faces não córam; porque a vergonha já ha muito fugio d'estas paragens.

Actualmente o governo para illudir, não nos importa quem, impõe aos seus satelites a obrigação de arranjarem representações forjadas, umas pela callada da noite, outras contra a vontade manifesta do povo!

Mas o povo vae começando a reconhecer o que vale, e o ajuste de contas pôde ser de resultados muito fataes.

É bom não abusar da sua paciencia:

todos as suas interjeições jacobinas e com todas os seus pontos de admiração tropicaes. Os pontos de admiração são como as faiscas da sua colera incendiaria, são verdadeiros cacêtes para os quaes appella sempre nas horas solemnes da sua indignação dan-tesca.

E uma das feições caracteristicas da intellectualidade de Rosalino é o amor lascivo que elle tem pelos pontos de admiração. Os pontos de admiração causam-lhe vertigens, produzem-lhe pesadelos. Aquellas formas esguias e penetrantes picam-lhe o cerebro, como se fossem alfinetes, fazem-lhe cocegas, irritam-no, dão-lhe os estremecimentos electricos d'um gato quando o afagamos na barriga. E chegando a esta excitação cerebral tem então golidices de adjectivação e de pontuação insaciaveis, epicuristas: gasta todos os adjectivos dos dictionarios e todos os pontos de admiração de uma typographia. E com elles que esfaqueia os adversarios, que apunhala os torpes, que perfura os devassos, que assassina os marotos, despejando-l'os em cima como uma chuva de espêtos.

É nesses momentos que Rosalino se torna verdadeiramente grande e phantastico. A sua figura transcendente e fina, de barba hirta e rara, toma no meio d'aquelles pontos de admiração, os ares olympicos d'um satyro bregreiro espreitando d'um bosque de eucalyptus esguios as pernas idéaes d'uma nympa descuidada. Até o seu chapeu, amarrado e velho, parece ter, nesses momentos, as fulgurações d'uma aureola.

Rosalino tem a sublime loucura da dignidade pessoal levada até ás transcendencias do mais intransigente stoicismo. Fuma folhas seccas de silva, mas não pede nem mesmo aceita um cigarro a um amigo. Será capaz

porque tudo tem limites, e se as coisas assim continuarem, não sabemos até onde poderão chegar os excessos d'um povo esfomeado, vilipendiado todos os dias e cansado de pacificamente assistir a todos os desaforos que ahí se praticam a cada hora.

Dizemos isto a respeito de todos os partidos monarchicos que existem no nosso paiz.

Já os conhecemos.

Não são as blandicias do partido progressista que a nós nós illudem; já os conhecemos, e se ora nos dão a mão, amanhã, quando no poder, farão o mesmo que já antes fizeram para a approvação do tratado de Lourenço Marques, que alguns d'aquelle partido ainda hoje tem o arrojo de nos dizer que era util.

Lembramo-nos ainda bem da concessão Paiva d'Andrade. O partido progressista combateu-a para em seguida a approvar.

É preciso que o povo se não illuda, e não veja n'essas louvaminhas que todos os dias lhe fazem o desejo de o alliviar e auxiliar; é preciso que a essa gente que hoje o eleva para amanhã o esmagar responda sobranceiramente: — basta! É já tempo de olhar pela minha casa e não deixar a sua administração pelas mãos de especuladores sem vergonha.

de morrer de fome á meza de um jantar que lhe não pertença. Mette pedras nos bolsos do casaco para que lhe sirva de cobertor, mas não mendiga um agasalho. É admiravel e seria unico, se não existisse Diogenes, o stoico. Ha só uma cousa que Rosalino aceita, é uma assignatura para o seu jornal a *Luz da Razão*, um prodigio de pontos de admiração e um bello compendio de psychologia experimental. A *Luz da Razão*, como tudo o que escreve Rosalino, é a primeira obra d'este seculo em originalidade. A gente ao lê-la sente-se transportado para o reino das chiméras, para o mundo phantastico das grandes allucinações febris. Os substantivos tem esgares de satyros embriagados; os adjectivos cheiram a enxofre; os verbos tem as scintillações metalicas do chumbo derretido; as interjeições vem embrulhadas n'um lençol, trazem dentes de cebola e fallam na voz soturna, arrancada e mysteriosa das almas do outro mundo; os adverbios apresentam-se com aquelle aspecto leudario, nocturno e vago das aparições transparentes dos poemas ossianicos; os pontos de admiração parecem um pandemionium de esqueletos dançando um *can-can* phantastico com os pontos de interrogação, que sehemham nina turba de *cocottes* cadavericas e syphiliticas sahindo por horas mortas da noite em fralda de camisa das enfermarias mal allumiadas d'um hospital de Braga. Só o talento apocalypticô de Rosalino chega a estas allucinações da arte. É extraordinario e assombroso. Ha, porém, um desgosto na sua vida, uma sombra n'esta gloria, é a concorrencia que lhe faz Jayme José Ribeiro de Carvalho, outro sublime.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

## SUBSCRIÇÃO

## Para os estudantes processados

Concorreram com a quantia de 100 reis cada um os seguintes cavalheiros:

A. C. S., Agostinho Rego, Albano da Cunha, Antonio Boavida, Antonio T. Festas, Antonio da Silva Pontes, Antonio de Sousa Pereira, A. R. Nogueira, Arthur Henriques Bessa, Augusto Coelho Sobral, Aurelio Neves, Eduardo d'Araujo, Philippe de Vilhena, Francisco d'Alarcão, Frederico de Carvalho, Hippolyto de Barros, J. Lino Ferreira Junior, João de Macedo Santos, Joaquim Coimbra, Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, José d'Ascensão Guimarães, José Barata da Silva, José de Barros e Sousa, José Mendes Alçada de Moraes, José Saldanha, Julio de Lima Duque, Manuel Dias da Silva, Sena Fajardo, Servio Branco, Urbano P. da Silva.

Somma..... 3\$000  
Redacção da *Evolução*..... 1\$000  
Total..... 4\$000

Ex.<sup>mo</sup> Sr.

**Dr. ANTONIO DE ASSIS  
TEIXEIRA DE MAGALHÃES**

Lente substituto da cadeira de sciencia e legislação financeira na Universidade de Coimbra;  
socio do Instituto da mesma cidade, etc. etc.

Como apresentação perante v. ex.<sup>a</sup>, recorde a circumstancia fiscal de ter pago, escriptura e pontualmente, a pequena bagatella de 19\$460 reis, miseravel quantia, que me habilitou a ouvir a palavra de v. ex.<sup>a</sup>, que ainda hoje me dizem ser erudita, e o alto criterio de seus juizos, que varios optimistas se não cançam de me garantir recto e seguro. Ora, não sendo crível que aquella insignificancia monetaria — assim dicta para distincção de muitas outras — me conferisse o simples direito de ouvir a v. ex.<sup>a</sup>, mas de approximar das suas as minhas ideias para na lucta se apurarem as verdadeiras, venho declarar a v. ex.<sup>a</sup> que, durante o anno lectivo findo, não reconhecerei a possibilidade da lucta, porque ao olhar para o campo, d'onde esperava o inimigo com o espanto d'um bellico apparato, encontrei, surpreendido, uma pobre e fragil creatura, que era impossivel atacar dignamente pela nimia fraqueza d'uma figura rachitica e enfadada.

N'estas condições, conversemos amigavelmente, chãmente, terra a terra para que v. ex.<sup>a</sup> não me considere um incomprehendido. Prometto accomodar-me o mais possivel á exiguidade microscopica de seus conhecimentos e á torre de Babel que muito em miniatura se incumbem de representar. E, para dar tom academico:

SAPIENTISSIME DOCTOR — Parece-me que não vão a elevadas transcendencias, mas que, pelo contrario, v. ex.<sup>a</sup> pôde, com pequena difficuldade, comprehender-me, quando eu comparo a sociedade a um organismo individual. Sim, isto é doutrina vulgar e corrente. Perdô-me v. ex.<sup>a</sup> se lhe fiz confusão; mas actualmente a maioria — excluo a parlamentar, pelo respeito que a mim proprio devo — sabe dizer com uma tal ou qual precisão o que acabo de indicar; e, com toda a franqueza, esqueceu-me excluir a v. ex.<sup>a</sup> d'aquelle numero. Queriu eu dizer — confesso ter sido menos claro, é de nascença — que, á semelhança dos animaes, por exemplo, que tem dependente a saúde do estado normal dos seus órgãos, da maneira como estes executam a respectiva funcção, assim, na sociedade, qualquer órgão menos zeloso ou capaz no desempenho do papel que lhe foi distribuido, affecta mais ou menos directamente a sociedade inteira; e, á medida que vae annullando órgãos superiores, mais e mais graves se apresentam as perturbações que agitam o mundo social.

Ora — e espero que v. ex.<sup>a</sup> me acompanhará n'esta longa viagem de raciocinios — haverá importancia que exceda a da funcção que se dirige a instruir um paiz?

Eu confio muito e muito na força intelle-

ctual de v. ex.<sup>a</sup>; mas parece-me que, a despeito da sua grande vocação, não conseguirá responder affirmativamente, com um só exemplo sequer, áquella pergunta que tão claramente tive o cuidado de formular a v. ex.<sup>a</sup>.

Pois bem — coragem, senhor doutor, para continuarmos a ascensão da ingreme montanha que resulta das minhas observações seriamente complicadas — tomando para modelo o medico, que ou não conhece o órgão doente, e é incapaz, ou, conhecendo-o, não o tracta, e é infame, a Universidade de Coimbra, especialmente a faculdade de direito, com parcas excepções, consente que a grande lei da *selecção natural em sociologia* encontre a resistencia mais vergonhosa á sua effectividade, no corpo docente d'esta faculdade.

É o que demonstro a v. ex.<sup>a</sup> nas linhas que vão seguir-se.

N'um trabalho firmado com o nome de v. ex.<sup>a</sup> e cuja authenticidade ninguem contesta — OBRIGAÇÕES A PRASO, encontra-se um estudo profundo sobre esta materia e eu não tenho palavras com que felicitar a v. ex.<sup>a</sup> á altura do meu entusiasmo. A obra está boa; dizem-m'o todas as pessoas que com ella recrearam o espirito e eu quero accredital-as. Mas, independente do valor tecnico d'aquelle trabalho, pelo qual renovo os meus parabens a v. ex.<sup>a</sup>, o que verdadeiramente me assombrou, me produziu raptos d'admiração, vertigens de loucura e pasmo foi o plano da obra.

V. ex.<sup>a</sup> seguindo mentalmente a trajectoria descripta pela evolução da sciencia dos numeros, observando-a nas phases mais importantes, receio decidir-se por este ou por aquelle systema; mas a obra não podia ser compacta, representar um todo individo; ninguem se arrojará a sondar-lhe as mysteriosas maravilhas. «Vamos, portanto, dividir-a n'um numero de partes que romanos, gregos, arabes etc. não possam divergir, em face do numero que as indica. De facto um I em qualquer systema indica a unidade simples, unica» e v. ex.<sup>a</sup>, coroadando estes raciocinios da respectiva conclusão, dividiu aquella obra em uma

## Parte unica

(Pag. 27 da obra citada) Diria que é um assombro, que é um deslumbramento, se não fosse levado por um espirito de verdade a classificar de quixotesca, digna de Calino, uma ideia que só podia gerar-se no cerebro de v. ex.<sup>a</sup>.

Se a real Academia quizesse ter o grande merito, a virtude rara de ser coerente nas suas diferentes manifestações, bastava a originalidade d'aquelle *divisão*, unica nos fastos do *proudhonismo* humano, para que o humilde signatario d'estas linhas, ao encimar a columna d'este semanario com o nome de v. ex.<sup>a</sup> e titulos adjunctos, se gloriasse de escrever, mais, «Socio effectivo da Academia real das Sciencias». Aproveito o ensejo para pedir publicamente áquella corporação este acto de justiça com que todos folgaremos.

N'um outro trabalho de v. ex.<sup>a</sup>, cuja authenticidade não é mais controversa do que a do anteriormente referido e subtilmente dividido na *parte unica* que v. ex.<sup>a</sup> com arrojo descobriu, na obra que se inscreve *AGUAS — Das correntes não navegaveis nem fluctuaveis segundo o Direito Civil Moderno* apresenta v. ex.<sup>a</sup> uma verdadeira maravilha de abstracção que se completa com o famoso plano supracitado. Refiro-me, ex.<sup>mo</sup> sr., á divisão das aguas em... não digo, que podem julgar estar eu abusando da credulidade publica e inundar-me a gloria, a que só v. ex.<sup>a</sup> tem incontestavel direito. É verdade que eu posso referir-me á edição, citar a pagina, precisar o periodo, indicar as linhas que se descozem para dar logar áquelle laborioso phenomeno. Mas eu receio que v. ex.<sup>a</sup> não me perdôe facilitar eu a tal ponto o conhecimento d'uma divisão que, por mero erro typographico, talvez, reflecte, espelho fiel, no perfil scientifico de tão elegante praxista e auctorizado cavalheiro a luz ironica e fria da gargalhada publica. Se puzesse de parte a commiseracção que v. ex.<sup>a</sup> me inspira, eu apresentaria o asserto com que v.

ex.<sup>a</sup> chama a combate todos os que militam no campo do simples bom-senso, do bom-senso modesto, obscuro e util que muito provavelmente não acceita o reptio; o asserto de que as aguas se dividem em abstractas e concretas. É o que sem esforço, clara e evidentemente, v. ex.<sup>a</sup> permite supôr, dizendo a pag. 24 da obra referida: «Se, porém, abandonarmos esta generalidade esteril do vastissimo campo da natureza, pondo de lado este conceito *abstracto* do elemento physico.....».

Eu conhecia, até ao apparecimento d'aquelle livro, varias divisões. Sabia que as aguas se podiam dividir em puras e mineiras, potaveis e não potaveis, thermaes e frias; mas abstractas e concretas!! Confesso o pasmo idiota, com que recebi aquella noticia. Eu tinha ouvido receitar aguas fereiras, sulfurosas etc., mas nenhum doente das minhas relações leve receita do medico que mandasse tomar, com intervallos de meia hora, 3 copinhos de agua abstracta! Nem tão pouco me consta que se aconselhasse ninguem a dissolver em agua concreta uma soda, por exemplo. A qualquer cavalheiro, que um acaso feliz levasse ao conhecimento de um tal receptuario, pedimos, em nome da humanidade, que vulgarise descoberta tão assombrosa.

Eu creio que, menos por mim, a quem pouco interessa uma resposta qualquer, mas pelo publico que certamente espera uma explicação das duvidas que respeitavelmente apresento sobre o merito das duas obras nos pontos indicados, v. ex.<sup>a</sup> se determinará a sustentar, á luz do seu elevado criterio, que nenhuma divisão ou classificação é preferivel á divisão e á classificação que houve por bem apresentar.

Feita que seja aquella demonstração, ex.<sup>mo</sup> sr., a Academia não resistirá e v. ex.<sup>a</sup> será grande.

Para não importunar com a extensão da presente epistola, vou immediatamente expôr algumas considerações sobre o processo de ensino adoptado por v. ex.<sup>a</sup>.

A proposito dos Estatutos diz o *Aviso regio* (2 de outubro de 1876) sobre o tempo das lições, e modo de as tomar e explicar:

«Sua Magestade..... É Servido Ordenar, que fazendo Vossa excellencia praticar á risca a determinação dos Estatutos, emquanto á hora prefixa para entrarem os Professores nellas, estabeleça, que logo immediatamente se comece o exercicio das aulas por pedirem os Professores aos seus respectivos estudantes nas lições, de que devem dar conta e se lhes explicou na lição antecedente, durante este exercicio, pelo menos, o tempo de um quarto d'hora.»

A falta de observancia que v. ex.<sup>a</sup> pratica n'uma grande parte do anno lectivo, sobre condemnavel, é despida da mais ligeira atenuante. Nem a circumstancia de ser exigida pelas condições actuaes a introduccão d'este systema no ensino nem tão pouco realizar o compendio adoptado um ideal que um professor, á altura da cadeira, não possa exceder nas preleções, serão facies de provar, no caso sujeito.

V. ex.<sup>a</sup> deve conhecer que actualmente tudo leva a crer na utilidade das preleções, porque este systema facilita ao estudante a comprehensão de qualquer livro que se adopte e poupa-lhe o trabalho de consultar d'um dia para outro muitas vezes grossos volumes que exigem o socego e demora impossiveis para quem vê diante de si 24 horas, dentro das quaes ha de reunir materiaes, que o lente devia apresentar systematicamente colligidos.

Ainda quando v. ex.<sup>a</sup> tenha a modestia de dizer que reconhece a sua faciltaria absolutamente nada com a sua preleção — e, com franqueza, falta-me a coragem para o contradizer — escudando-se v. ex.<sup>a</sup> com a lei, tirava de si a responsabilidade que o assumta, porque ella pezaria apenas sobre os collegas de v. ex.<sup>a</sup>.

Agora, quanto ao compendio.

O sr. dr. Antonio dos Santos Jardim laborou aquelle compendio, instado pela necessidade urgente do ensino; não teve tempo, queremos acreditar, para reconhecer os defeitos no breve trecho que regeu aquella cadeira. E, ainda que melhor elle tivesse

sabido d'aquella empreza, por um concurso de circumstancias mais favoraveis, a sciencia não descança entre as folhas d'um livro, caminha sempre e vae rasgando, de momento para momento, novos horizontes. Ora esta simples consideração onera a v. ex.<sup>a</sup> com toda a responsabilidade d'um dever que se não cumpre.

Das preleções, que v. ex.<sup>a</sup> fez, passada que foi em lições a doutrina do compendio, não me detenho a examinar-lhe o plano, cuja existencia desconheço, nem a utilidade na sua maioria. Poderia pôr em duvida a vantagem de averiguar se devemos dizer *real d'agua*, se *real de agua* ou se *real da agua*. Real em qualquer dos casos é a perda de tempo, a que v. ex.<sup>a</sup> nos sacrifica, no exame esteril de questiunculas semelhanças.

Francamente, ex.<sup>mo</sup> sr., v. ex.<sup>a</sup> nunca se lembrou de imaginar que a civilização pôde entrar na Universidade... como expectadora, representada em alguma celebridade contemporanea. Se o tivesse, ainda mesmo em sonhos, figurado, eu creio, apesar de conhecer a v. ex.<sup>a</sup>, que diligenciaria mudar a direcção dos seus trabalhos. Para conseguir esta tentativa, convidado n'esta mesma data o publico que lê e que sabe a verificar pessoalmente como, entre algumas outras, é regida a cadeira de finanças na Universidade de Coimbra.

Para que não se diga escolher de má fé um ou outro trabalho de v. ex.<sup>a</sup>, cumpre-me declarar que, além das duas obras que citei e das preleções que referi, nada me consta que v. ex.<sup>a</sup> tenha escripto ou pronunciado com intuitos scientificos. Certamente por falta de tempo, e não de planos concebidos, a que só resta dar a publicidade merecida.

Antes de cortejar a v. ex.<sup>a</sup> apresentando as minhas despedidas, cumpre-me fazer uma declaração.

Eu creio, perfeita e conscientemente, que, pela solidariedade, talvez justificavel, que existe entre a maioria dos collegas de v. ex.<sup>a</sup>, se não entre todos, creio, dizia eu, que ao pegar da penna para traçar estas linhas, pratiquei um acto, que ha de poderosamente influir não só no animo de v. ex.<sup>a</sup> mas tambem no dos outros julgadores dos meus trabalhos academicos.

Não sou um leviano que mais tarde se arrepende de uma resolução inconsiderada; sou um homem que, consultando a sua consciencia e sentindo irresistivel bradar-lhe a indignação, não digo bem, sentindo irresistivel rir dentro em si o desprezo e a compaixão, veio declarar a v. ex.<sup>a</sup> que, perante a sua sciencia official, e o seu auctoritarismo cesariano, elle simplesmente ri.

E o riso é uma philosophia. Graças a v. ex.<sup>a</sup> sinto-me philosopho. Muito obrigado.

De resto, no 3.<sup>o</sup> ou no 4.<sup>o</sup> anno, na Universidade ou em qualquer parte onde se saiba pedagogia, em Coimbra, a rainha do Mondego, ou n'outro ponto do globo, creia v. ex.<sup>a</sup> que não me cançarei de admirar e de o propôr á veneração, que o publico sabe dedicar a quem tão dignamente exhibe o symbolo d'uma sciencia.

De v. ex.<sup>a</sup>

incançavel admirador

MANUEL DUARTE LARANJA GOMES PALMA.

## O ENSINO

## do Direito Administrativo na Universidade de Coimbra

A questão de que nos vamos occupar, se bem que tenha uma parte pessoal, merece talvez a attenção do publico, porque se refere ao modo como são desempenhados os serviços retribuidos com o dinheiro do paiz.

A apreciação dos actos praticados pelos funcionarios publicos, principalmente quando esses funcionarios tem a seu cargo um dos serviços que mais cuidados reclama — a instrução publica, — é, parece-nos, digna da consideração da imprensa, que se presa de independente.

A cadeira de Direito Administrativo, na Universidade, foi este anno regida pelo sr.

dr. José Frederico Laranjo d'uma maneira que desprestigia a sciencia, e enodda os creditos do ensino superior. A manifesta incompetencia d'este professor está prejudicando altamente o paiz, e mais directamente os alumnos, sobre os quaes elle tem de exprimir officialmente uma opinião muitas vezes injusta.

O sr. Laranjo, exprimindo officialmente a sua opinião a respeito do meu merito scientifico, appreciou-me desfavoravelmente; eu vou apresentar alguns factos tendentes a pôr em relevo a competencia do mestre e a dignidade do juiz. E aos que me accusarem de crueldade por me occupar d'este ser grotesco, alvo constante da troça, — nas aulas, no parlamento, na imprensa, — respondo que me parece ter razão para pôr de parte, neste momento, a profunda compaixão que costumo sentir pelos pobres de espirito.

O sr. Laranjo não faz preleções: é o primeiro dever a que falta. Escreve as lições no remanso do seu gabinete, rodeado dos seus livros, na mais perfeita tranquillidade de espirito. Não lhe é facil, portanto, perpertar os erros que frequentemente escapam na exposição oral por uma irreflexão de momento.

Não obstante isto, as suas lições, elaboradas nas condições mais favoráveis, vêm cheias dos mais graves erros scientificos, e são escriptas n'um portuguez mascavado e torpe, sem grammatica e sem estylo.

Para não tornarmos longo este trabalho, pômos de parte a questão do methodo, que é na realidade assombroso, e passamos a demonstrar que o sr. Laranjo não conhece as disposições do Codigo que explica.

Commentando o art. 53 do Cod. Administrativo, (lic. 27, pag. 290-291) levanta Laranjo a seguinte questão: a junta do districto será uma pessoa moral? resolver cita quantos Codigos Administrativos houve em Portugal, cita o Cod. Civ. e o jornal *O Direito*, e vem finalmente deduzir do citado art. 53 que o districto é uma pessoa moral.

O sr. Laranjo soubesse um quasi nada materias que ensina bastava-lhe o art. 367, que diz expressa e terminantemente:

«O districto, o concelho e a parochia são havidos por pessoas moraes para todos os effeitos declarados nas leis.»

Pois não era muito saber este artigo, que é o primeiro das Disposições geraes do Codigo Administrativo. Nem generalidades sabe, este sábio!

Continuemos. Annotando o art. 103, n.º 7, do Cod. Administrativo, escreve o sr. Laranjo, na lição 42, pag. 435, (note-se que as lições são, como já dissemos, feitas por este professor) o seguinte formosissimo periodo:

«Hoje não ha ainda lei que mande que os partidos só sejam providos em concurso; o conselho de districto não pôde impôr essa condição por isso que a creação dos partidos não depende da approvação d'elle; **o Codigo nem indirectamente exige tal condição**; resta somente a praxe e algumas portarias; mas se as camaras não observarem a praxe e depois de creados os partidos fizerem nomeações de facultativos sem concurso, pelo Codigo actual não se encontra meio legitimo para annullar a nomeação e obrigar a proceder a concurso; o administrador do concelho não pôde fundamentar o recurso para o conselho de districto na falta de cumprimento da lei, os outros medicos que queriam concorrer não podem demonstrar que foram prejudicados nos seus direitos; é todavia util para os interesses dos municipios e para evitar questões abrir sempre concurso; urge porém reformar a legislação a este respeito.»

N'esta mesma lição 42, cita-se duas vezes (pag. 440) o art. 152 do Cod. Administrativo, e logo o art. 153 diz:

«Os partidos de que trata o precedente artigo (os partidos municipaes de facultativos, etc.) **só poderão ser providos por meio de concurso** annunciado na folha official do governo.»

Este é um erro palmar que o mais hu-

milde empregado administrativo se envergonharia de commetter.

Vejam os leitores que poço de sabedoria! Avaliem a sciencia e a consciencia d'este julgador que nem conhece a lettra expressa da lei, que é obrigado a ensinar!

No dia em que saiu esta lição alguns discipulos, condoidos pelo monumental estendete do infeliz professor, dirigiram-se a um parente d'elle e fizeram-lhe notar a barba-ridade sem igual.

O sr. Laranjo não pôz o pé na Universidade, e no dia seguinte fez sair uma lição nova, emendando o erro, com o mesmo numero e a mesma paginação.

Que extraordinario lente este que, em vez de ensinar os discipulos, é ensinado por elles! Curiosa inversão de funcções! Diver-tido e curioso professor!

Um caso analogo a este se dá com a interpretação do art. 53, n.º 18. Sustenta a *Revista de Legislação e Jurisprudencia* que o meio geralmente adoptado para a satisfação dos encargos do districto são as derrama, distribuidas pelos concelhos.

Diz o sr. Laranjo (lic. 30, pag. 329) que esta opinião é pouco segura e a contraria mais plausivel, em vista dos principios e da lettra do Codigo; e na lic. 31, pag. 332 escreve: «Dissemos que nos parecia pouco segura esta opinião, todavia a contraria é-o talvez menos ainda, por isso que da phrase—que constitue receita do districto—que o Codigo accrescenta ás palavras—percentagem adicional—não se pôde concluir, como queriamos, que seja essa percentagem a receita ordinaria e mais geral, visto que o n.º 5 e 6 do art. 59 contêm entre a receita ordinaria, sem distincção alguma, as quotas derramadas pelas camaras municipaes e os productos da percentagem adicional ás contribuições geraes e directas do Estado.»

Com tal firmeza de opiniões revelada pelo professor andam os discipulos sempre em risco de perderem o trabalho, entregando á memoria uma doutrina que no dia seguinte o sr. Laranjo lhes diz ser redondamente falsa.

Outras vezes succede não haver nenhuma alma caridosa que lhe indique os erros commettidos. Então o sr. Laranjo erra em março e corrige em maio: é o que se dá na lição 50, (pag. 510, nota) que aponta um erro da lição 34.

Podíamos apresentar muitos outros factos d'esta ordem; parece-nos, porém, que estes bastam para o publico poder aquilatar o merito scientifico do illustre professor Laranjo.

Depois d'isto, admira-se a coherencia com que este homem vae gritar nos meetings contra a má applicação dos dinheiros publicos. Pois que peor applicação pode ter o dinheiro publico do que ser dado a professores que desconhecem a sciencia que ensinam mediante retribuição do Estado?

Pelo que se vê, o sr. Laranjo não segue o rifão popular — *Quem tem telhados de vidro não atira pedras aos do visinho*. — Pois faz mal.

Quando ha tanta indecisão e ignorancia no mestre, como quer este que haja firmeza e sciencia nos alumnos ensinados por elle? Verdade seja (e diga-se isto em seu abono) que o sr. Laranjo reconheceu a sua incompetencia, e, ao encerrar a aula, pediu indulgencia aos discipulos. Não a teve para elles, é certo, mas pediu-a... para si.

Concluindo, direi que este artigo não é nem podia ser, motivado pelo despeito: a condemnação, partindo de tal juiz, não é um vilipendio, é uma gloria. Foi até para dar ao sr. Laranjo uma prova publica do meu reconhecimento que eu me dei ao trabalho de traçar estas linhas.

Coimbra, 15 de julho de 1882.  
J. F. AZEVEDO E SILVA.

**A «Civilização Catholica»**

Continuamos a responder ao sr. J. M. Rodrigues.

Diz este escriptor: «É falso, completamente falso que o espirito christão tenha sido arrancado das consciencias em todas as nações.»

Pela sua parte, afirma o Concilio, na *Constituição Dogmatica da Fé Catholica*:

«O Christianismo foi abandonado pelo reino denominado da razão ou da natureza.»

Nós seguimos a opinião do Concilio, que o sr. J. M. Rodrigues ha de forçosamente considerar superior á sua.

Escreve o nosso antagonista: «Arranque-se das consciencias o espirito christão e vê-se-ha como a nação em que este facto se der se dissolve rapidamente.»

É uma velha mania dos theologos a de suporem que o abandono das crencas defendidas por elles importa a dissolução e a depravação dos povos. Littré demonstra com factos historicos e com exemplos individuaes que a diminuição de auctoridade do principio theologico tem sido acompanhada do augmento da moralidade social, e que ha homens d'uma probidade immaculada que não vão buscar á theologia a sanção do seu procedimento. (*A. Comte et la phil. posit.*, pag. 212 e 213.) O proprio Littré, o santo que não acreditara em Deus, como lhe chamou alguém, foi sempre d'uma austeridade de caracter que não pôde ser excedida. Os obreiros do Senhor, pelo contrario, estão todos os dias praticando gentilezas pouco proprias para edificar os crentes. Podíamos apontar muitas, porque ha farta copia d'ellas; mas, para sermos breves, enviamos o sr. J. M. Rodrigues para os jornaes *O Seculo* e *A Folha Nova*, chronistas fieis de tão elevadas façanhas.

Não queremos com isto affirmar que todos os padres sejam maus; o que queremos é constatar que a moralidade não é um monopolio de suas reverendissimas, e que existe tanto no crente como no atheu. Um philosopho italiano, Ardigio, é até da opinião que a moral dos positivistas é mais elevada e mais solida que a dos theologos, accrescentando ainda que a religião prejudica a moralidade em vez de a favorecer; porque aponta ao crente um fim egoista—as recompensas eternas. (*La phil. experiment. en Italie*, por A. Espinas, pag. 150 e 151.) Ora Ardigio, que foi theologo e é hoje positivista, está nas melhores condições para comparar a moral theologica com a moral positiva.

Ainda a este respeito cita-se na *Civilização Catholica* F. Le Play, «o veneravel fundador da sciencia social.» Veneravel fundador parece-nos de mais. Le Play é, com certeza, o veneravel da sciencia social. Fundador, não; quem fundou a sociologia foi Augusto Comte.

Para provar que o espirito christão não se radicou nas consciencias á custa de muitas lagrimas e muito sangue, desfecha o sr. Rodrigues contra nós algumas finas ironias theologicas que derrocam pela base o edificio dos nossos conhecimentos nada vulgares da historia.

Diz que os christãos dos primeiros seculos martyrisavam milhões de romanos; diz que na Africa, America e Oceania os selvagens perecem ás mãos dos missionarios europeus; diz que é preciso ser alphabeto em historia para não saber que foi á custa de muita lagrima e muito sangue que o espirito christão se radicou nas consciencias. E diz ainda mais coisas.

Simplemente se esquece de dizer o que fizeram os missionarios na Asia. No livro—*A Conjuração de 1787 em Goa*—do fallecido escriptor Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara encontram-se documentos officiaes interessantissimos a este respeito.

Por esses documentos, que se podem ver nas *Soluções positivas da politica portugueza*, por Th. Braga, sabemos que os missionarios, em vez de apascentarem as ovelhas, lhes tiravam a lã, e que em vez de serem verdadeiros pastores eram lobos vorazes. São estas as proprias palayras do documento a que nos referimos.

Apesar de *analphabeto em historia*, parece que sabemos algumas pequenas coisas que o sábio theologo Rodrigues ignora.

Esquece-se tambem este preclaro varão do procedimento evangelico dos reis catholicos para com os mouros de Hespanha; esquece-se igualmente de dizer que a Inquisição, segundo o calculo de F. Garrido, só n'um periodo de trinta e seis annos, queimou doze mil e oitocentas pessoas.

E os catholicos ainda não mudaram de tactica. É o que se infere da linguagem do jornal *A Cruz* e a *Espada* de Braga. Diz elle: «A fogo a esses malvados, (refere-se á imprensa que denomina revolucionaria e im-

pia) a fogo esses badios, (!) a fogo a essa corja de larapios, já que a lei nos não protege, e nos encontramos sós com os soldados da Cruz. A fogo, catholicos! a fogo a elles que é o unico remedio.»

E tudo isto para radicar nas consciencias o espirito christão!

Aqui está o que sobre o assumpto nos dizem os nossos conhecimentos nada vulgares de historia. Os christãos foram victimas, a principio, por uma razão simples: porque não tinham força para ser algozes. Logo que a tiveram, fizeram o que nós sabemos, e que bem justifica a exclamação de Draper: «As mãos que se levantam para o Deus de misericordia estão ainda tintas de sangue!»

Quer o sr. Rodrigues mais lagrimas e mais sangue ainda? Se quer, diga-o, que na historia dos erimes do fanatismo encontraremos sangue que não se lava n'um mar.

**A sombra do cypreste**

A vida me corria alegre e mansa  
Se n'esse olhar—um lago transparente,  
O meu amor n'um extase dormente  
Vogasse na barquinha da esperanza.

Se viesse perturbar tanta bonança  
O bramido dos ventos inclemente,  
Lançando os teus cabellos á corrente,  
Salvava-se agarrado á tua trança.

Do teu olhar não me fizeste a esmola  
A lembrança, porém, que me consola  
E que elle ha de voltar aos ceus um dia,

D'alguma estrella irá junctar-se á chamma!  
E do cypreste atravessando a rama  
Virá banhar a minha campã fria.

EDUARDO D'ARAÚJO

**Publicações recebidas**

**BANHOS DE MAR**

ELEMENTOS DE HYDROTHERAPIA MARITIMA por Luiz Pereira da Costa, Licenciado na Faculdade de Medicina, Bacharel Formado na de Mathematica, e Socio Effectivo do Instituto de Coimbra.

**THESES**

DE MEDICINA THEORICA E PRATICA que se propõe defender na Universidade de Coimbra Luiz Pereira da Costa.

Acabamos de receber estas duas publicações que muito agradecemos ao seu auctor.

Nos *Elementos de hydrotherapia maritima* trata o sr. Luiz Pereira de analysar as condições das praias balneares, e a sua influencia medica, o que faz com muita sciencia, sem contudo tornar a sua obra inacessivel aos leitores que não tenham conhecimentos especiaes de medicina.

É este um dos grandes meritos do sr. Luiz Pereira, porque, combatendo a sua dissertação o uso desregado dos banhos do mar, é de toda a utilidade a facil comprehensão de um livro onde tão lucidamente se preceituam as regras a seguir e os cuidados a empregar.

O trabalho litterario de que nos occupamos verbeira fortemente a falta de escrupulo com que se empregam os banhos do mar, sem se escolher praia, e sem mesmo se consultar a sciencia. A medicação maritima é uma das mais energicas a que recorre a medicina; e, havendo para o emprego d'outros meios igualmente energicos todos os cuidados e todas as precauções, os banhos do mar são applicados a todas as doenças indistinctamente sob o pretexto de *verroso*, e a todos os individuos, sem que se attenda ao sexo, ao temperamento, á idade, etc.

A escolha da praia tambem é assumpto tratado de resto. Daqui podem provir graves inconvenientes, porque, sendo variavel a exposição de diferentes praias, a mineralização da agua, a sua temperatura etc, os resultados que se pretendem obter podem deixar de ser os que se vão encontrar na praia escolhida.

A estas judiciosas considerações accrescenta o sr. Luiz Pereira muitas outras, ten-

dendo todas a combater o uso incon siderado dos banhos do mar, feito sem se attender ás prescripções scientificas, as quaes, quando postas de parte, determinam um castigo grave infligido pela natureza aos que as desprezam.

Eis o que podemos dizer a respeito d'esta obra, lamentando que deficiencia dos nossos conhecimentos nos iniba de fazer uma apreciação como nós desejavamos e o livro merece.

Accrescentamos ainda que a edição é primorosa, reunindo por isso á belleza do estylo outra condição para ser lida com agrado.

*Discurso pronunciado no grande comicio anti-jesuitico por occasião do centenario do Marquez de Pombal em Coimbra por Francisco Maria Gomes do Rego Feio, aluano do 5.º anno juridico.*

Recebemos e agradecemos este folheto. Já tivemos occasião de nos referir a este magnifico discurso, quando descrevemos o comicio em que foi pronunciado.

Só accrescentaremos hoje que merece ser lido por todos os homens sinceramente liberaes, e que é uma obra valiosa de propaganda anti-jesuitica.

Recebemos e agradecemos *Notas, Ensaio de critica e de litteratura*, do sr. Alexandre da Conceição, e *Transfigurações*, por Antonio Feijó.

Com mais vagar nos occuparemos d'estas duas notabilissimas obras.

Damos hoje em folhetim um esplendido trecho do primeiro d'estes dois livros.

**Os Centenarios em Portugal**

Nas folhas seculares d'este livro sibyllino chamado a alma dos povos, ha phrases de uma significação tão intensa e profunda, que dão azo ás interpretações mais diversas.

E assim a celebração dos centenarios, que vulgarmente se considera como uma prova decisiva de vitalidade nacional, parece-me revelar, ao contrario, um pretexto inconsciente do povo contra a rapida decadencia do Presente.

N'este movimento tristemente entusiastico, n'esta grata saudade d'uma nação que se absorve na adoração mystica do Passado, transparece vagamente, sob uma forma diversa, o antigo sentimento de desconsolação e de simples confiança na morte, que produzio o Sebastianismo.

A cynica indiferença com que o povo portuguez assiste ao desenrolar constante das pequenas misérias, que invariavelmente constituem a nossa politica moderna, não é apenas uma consequencia da sua crassa ignorancia, mas tambem d'esta descrença no futuro, e d'esta vaga nostalgia da historia, que assalta o espirito ao recordar-se da luz no meio das trevas mais densas. E até quando tentamos illuminar o futuro com o debil clarão d'uma esperança, é ao passado que vamos pedir as cores para traçar em quadro phantastico.

Antigamente a natureza aventureira de um povo esmagado entre a Hespanha hostil e a immensidade do Oceano, cedia finalmente á atracção do abysmo, á tentação do infinito. Hoje esse mesmo povo tendo d'um lado o Porvir sempre inimigo de uma nação cançada e desfalecida, e d'outro a historia com as suas tradições heroicas como os gemidos oceanicos, brilhantes como o conviu luminoso do ceu e do mar do Sul, não hesita tambem e precipitando-se nas ondas do Passado julga cumprir como outr'ora a sua elevada missão.

Os centenarios entre nós são principalmente um phenomeno de psychologia collectiva, são a aspiração da alma nacional para a historia, onde pretende bazeir uma consoladora illuzão. E nas figuras collossaes do Cantor do Oceano subjogado á energia hesitosa da humanidade, ou do ministro que ainda conseguiu galvanizar o cadaver de uma nação agonizante, julgamos encontrar as duas forças elevadoras na nossa existencia social. Como outr'ora a imaginação desvairada de um povo infeliz debuxava nos cerrados nevoeiros do Porvir, sobre o louco corcel das suas esperanças, como um anjo

de redempção, o vulto sympathico de um principe, cujo sangue tinham avidamente bebido os extensos areaes da Africa.

O Mysticismo é o producto natural da Desventura: e Portugal hoje como no seculo XVI, vando adiante de si as trevas de uma existencia quasi impossivel de novo arranca á historia a visão sebastianista. E sob estas apparencias positivas e atraz d'estas celebrações scientificas, levanta-se como um actor constante no enorme palco da historia, a alma mystica do povo portuguez, que depois de haver feito a sua gloria no periodo das Navegações, é hoje a sua consolação n'esta epocha de passamento social.

Coimbra.

Pedro Mascarenhas Gaivão.

**NOTICIARIO**

Tem havido em todo o Minho frequentes disturbios occasionados pela falta de milho e pela elevação do preço dos cereaes.

É o principio da colheita do que o governo tem semeado. Até onde poderão chegar os seus resultados não o podemos prever: não devemos porém deixar de extranhar que quando o povo morre de fome, se deem 2.700 contos para caminhos de ferro em Hespanha, e que sua magestade abandone o seu amado povo!

O sr. D. Luiz pediu ao parlamento licença para ir passeiar e o parlamento concedeu-lh'a... temporaria!

Sua magestade pôde e deve passeiar e, pensamos nós, a sua ausencia não se ha de sentir; custa-nos porém ter de dizer que sua magestade, o descendente de D. João IV vae a Hespanha pagar a visita ao seu augusto primo, e talvez realizar as promessas da conferencia de Caceres. O povo não chorará por ver o monarcha visitando a familia e abandonando-o, quando elle morre de fome: lastimará sem duvida que á sua custa se festeje a sua boa volta.

Chegou a Lisboa a commissão representando o syndicato de Salamanca que ia agradecer a sua magestade os beneficios que acabava de prestar ao paiz, apoiando a celebre *tratada* (vide *Economista*), facto que ha de ser com gloria mencionado no seu ecinado.

O povo que já vae percebendo a maneira como o governo procede, recebeu-os condignamente... á *petrada*. Não louvamos este procedimento, é certo, desejavamos antes que o povo serenamente ignatiasse tal proceder por meio de *meetings* ordeiros, d'onde se fixesse chegar aos ouvidos do primeiro funcionario do paiz as suas justas queixas.

Não o quer assim o sr. Fontes. É habito velho d'este estadista: illudir o rei e o povo. As consequencias...

Sua magestade vae mostrar-se na Beira, onde desejamos que seja bem recebido; porque, veedade, verdade, merece-os. Tanto procurou satisfazer os desejos do povo que não o receber condignamente seria ingratição!...

No dia 9 do corrente, fez acto do terceiro anno juridico o nosso sympathico amigo, Francisco d'Alarcão Vellasques Sarmiento, obtendo o resultado que era de esperar da sua muita intelligencia.

Nesse mesmo dia retirou-se para o Espinhal na companhia de alguns seus amigos, e condiscipulos, que vieram penhoradissimos pela recepção affavel e cordeal que alli lhes foi dispensada.

Entre outros, recordamos-nos de terem ido Elycio de Carvalho, Agostinho Rego, Joaquim Lino, e Joaquim Maria Bernardes.

Em ambas as noites que estes rapazes se demoraram no Espinhal tiveram *soirées* animadissimas, n'uma das quaes Agostinho Rego, um rapaz intelligente e esperançoso, cantou algumas árias do seu escolhido repertorio, e recitou a pedido das senhoras duas formosas poesias, sendo muito applaudido. (Tribuna Popular)

**DITOS E PHRASES**

Em 1793, pouco depois d'um concerto patriotico, mandou a auctoridade prender um dos violinistas.

Perguntando-se-lhe o motivo da prisão, disse, abanando a cabeça, como quem ameaça:

—Eu o ensinarei a estar, metade do tempo, de braços cruzados, quando todos os outros estavam a tocar.

Pobre musico! Tinha commettido o crime de... observar as pausas.

Um empregado dos caminhos de ferro fazia a revisão dos bilhetes. Chegando ás carruagens de 1.ª classe, encontra uma camponeza que lhe apresenta bilhete de 3.ª.

—Aqui com este bilhete?!

—Bem sei que é de 3.ª; mas tambem contei as carruagens: uma, duas, tres; e só na 3.ª é que entrei.

O amor proprio dos tolos desculpa o das pessoas de espirito, mas não o justifica.

Duc de Lévis.

Qual é o pano mais quente no inverno? O pano da chaminé.

O empresario d'um theatro francez ouve a leitura d'um drama em verso (?).

De repente surge um *soi-disant* alexandrino de 18 syllabas...

O empresario, interrompendo:

—Mais ce n'est pas un vers, c'est un boat!

A verdadeira sabedoria das nações é a experiencia.

Napoleão I.

Desconfiae das mulheres que dizem mal dos homens.

O governo Constitucional é o absolutismo mascarado com formulas de liberdade.

A republica moderna nasceu da philosophia e da reforma religiosa; em 1789 estava nas ideias e nas theorias; hoje está nos factos e nas necessidades.

José Maria do Casal Ribeiro, no opusculo—*Hoje não é hontem*, publicado em 1848.

A gratidão não é a virtude das testas coroadas.

Idem.

**Alcobaça, 18 de junho**

Por varias vezes nos temos referido n'estas correspondencias a um processo por fraude de contribuição do registro, para o esquecimento do qual se tem empregado todos os esforços. Ultimamente, dizem, procuram actual-o, mas o celebre processo está por tal forma occulto, que não ha meio de o descobrir!

Veremos a energia que desenvolverá o sr. Escrivão de Fazenda, e o procedimento do louvado desempatante, no caso que este negocio prosiga, e faremos os nossos comentarios com toda a imparcialidade.

Se o processo não apparece, ha um meio de sanar todas as difficuldades:—formar novo processo, e averiguar d'esta forma a verdade, porque ella interessa ao publico e á fazenda nacional.

—Segundo nos consta, já estão liquidados os fundos legados pelo sr. dr. Brillhante á camara d'Alcobaça, e convertidos em inscripções. Era tempo! Resta-nos ver a maneira como será applicado o seu rendimento, e a imparcialidade que presiderá á escolha dos subsidiados. Dizem que a camara vae com toda a brevidade abrir concurso, para os candidatos apresentarem os seus documentos.

—Uma forte trovoadá pairou no dia 16 sobre a Nazareth, causando bastantes estra-

gos. Cahiram algumas faiscas no edificio da Misericordia da Pederneira, n'uma chaminé, n'uma casa da Praia e n'um barco de pesca em que vinham alguns pescadores, ficando assombrado um d'elles que está em perigo de vida. O barco ficou arrombado de um lado. Os outros tripulantes nada soffreram.

Os habitantes d'aquellas immediações, dizem não haver memoria de tão forte trovoadá.

—As obras da torre sul do mosteiro estão concluidas, e assente o para-raios. É pena que o governo não mandasse concertar igualmente a torre do norte, ha annos deteriorada por outra faisca electrica.

(Do nosso correspondente)

**Correspondencia**

Sr. redactor—Em resposta á pergunta que o correspondente de v. n'esta localidade me faz em o numero 21 do seu mui lido jornal *A Evolução*, tenho a dizer o seguinte:

Que não recebi, nem no archivo da junta de parochia da minha presidencia existe documento algum, que auctorisae o prior d'esta freguezia a ter em seu poder o livro a que o dito correspondente se refere.

Ufano-me de subscrever-me

De v. etc.

José Ferreira da Silva.

Odemira, 14 de junho de 1882.

(Segue-se o reconhecimento.)

**ANNUNCIOS**

**NUMERO ESPECIAL**

Os restantes exemplares do numero especial, com que *A Evolução* comemorou o centenario pombalino encontram-se á venda na Livraria Academica, rua da Calçada—COIMBRA.

**NOTAS**

ENSAIO DE CRITICA E DE LITTERATURA

por

Alexandre da Conceição

SUMARIO

- I Carteira d'um positivista
- II Esboços de critica
- III Estudos do natural
- IV Carvões

**FINANÇAS**

Para facilitar o rapido estudo d'algumas materias, que fazem objecto d'aquella cadeia está á venda na lithographia do—Marco da Feira n.º 4—uma synopse relativa á divida publica, orçamentos etc.

**AGENCIA DE ENCOMMENDAS**

DE

**PORTUGAL E BRAZIL**

Proprietario—Francisco Nones Collares

COMMISSÕES DIMINUITISSIMAS

18, Rua da Atalaya, 18

LISBOA

As pessoas que se queiram informar do credito d'esta agencia poderão dirigir-se aos srs. correspondentes da Empresa **Notas Romanticas**, em qualquer terra do reino, ilhas e Brazil